

## A experiência Situacionista refletida na série De Olhos Cerrados

Kelly Wendt- UFPel

**Resumo:** Caminhadas descomprometidas em Pelotas auxiliam para a reflexão dos conceitos situacionistas diante o espaço urbano. A experiência dessa atmosfera peculiar fomenta o processo de criação e dá origem ao trabalho poético De Olhos Cerrados, que explora a estética Satolep.

**Palavras –chaves:** Situacionistas, Pelotas, poéticas visuais

### Introdução

No processo de criação da série De Olhos Cerrados, caminhar pela cidade compreende uma etapa importante para a construção do trabalho poético. Caminhadas que dão origem as imagens das casas de olhos cerrados, registros do camêrafone repetidos e multiplicados através de vários meios

Assim, o atelier é a própria cidade, já que é nela que são traçados os percursos, os quais me fornecem a matéria para as ideias devido ao que representa: um organismo, um produto do imaginário, criação humana, rede de comunicação e de sistema de ruas e cruzamentos. Perambular pela cidade é, enfim, contemplá-la para imprimi-la sob superfícies.

Ao percorrer a cidade, registro através de um camêrafone, casas lacradas, a qual deflagra elementos estéticos urbanos, que caracterizam o ambiente de Pelotas. Seu ambiente sofre influência da arquitetura e a presença impositiva de uma paisagem plana. As ruas parecem que levam ao infinito, o olhar não é interrompido, ele segue num conformismo, numa comodidade. No livro “Satolep” (2008), Ramil descreve poeticamente a paisagem de Pelotas, a sua estética, a intensa vastidão do olhar sobre o que é olhado.

Essa prática perceptiva sob a cidade fez com que me reportasse para o Grupo Internacional Situacionista (1957), grupo que vê a arquitetura como o meio de alterar os conceitos de tempo e espaço através do conhecimento e da ação, uma consciência do espaço. O grupo acreditava na arte ligada à vida, a qual vai além dos padrões modernos, ligada às questões práticas do cotidiano como a cidade e o meio urbano. Trabalhavam também com a ideia da cidade construída para e pelo coletivo, abandonando a ideia de cidade ideal imposta aos seus moradores. Para essa construção coletiva, fazia-se necessário uma

revolução na vida cotidiana, pois compreendiam que a mudança da cidade deveria ser construída dia-a-dia, inclusive nas atividades mais simples do cotidiano.

### **As Deambulações e a Internacional Situacionista**

A percepção da cidade é muito importante para os situacionistas. Todos seus textos reproduziam um desconforto com a cidade contemporânea refletindo novos modos de viver a cidade, compartilhando espaços e absorvendo a sua atmosfera.

A atmosfera representa muito mais do que espaço físico: “Atmosfera é quando o espaço comunica com nossa percepção emocional, numa fração de segundos sente-se o espaço, a presença do lugar que o envolve” (ZUMTHOR, 2006,p.13).

Deambular, prática situacionista de percorrer a cidade sem preocupação de saber onde está ou para onde está indo, é entrar na atmosfera e perceber intimamente o espaço.

Para falar dessas deambulações, é importante salientar o Grupo Internacional Situacionista, que se destaca por propor uma reflexão sobre o espaço urbano das grandes cidades. Fundado por Guy-Ernest Debord (1931-1994) na década de 1950. Com influências dadaístas e surrealistas, Debord, juntamente com o grupo Internacional Letrista, escreveu diversos textos com assuntos, os quais relacionam arte com vida cotidiana, arquitetura e urbanismo. Refletindo a vida nas cidades e a importância de compreender o espaço público como lugar compartilhado. Essa reunião anunciava algumas ideias e práticas fundamentais para o pensamento situacionista, a “construção de situações” na cidade através da psicogeografia e a deriva.

Debord possui ideias marxistas e, em seu livro “A Sociedade do espetáculo” desenvolve um pensamento baseado na estratificação social em torno da cidade. O autor destaca todas as alienações existentes na estrutura social, afirmando que todos desempenham papéis importantes para a manutenção do capitalismo. Mesmo nas atividades menos evidentes, a

sociedade é manipulada pelo fascínio do consumo. A cidade, desta forma, se liquefaz como papel social, através de moradias dignas e lazer, passando a ser subordinada à economia e às exigências do mercado, conforme ele explicita no trecho abaixo:

O momento presente é o momento do autofagismo do meio urbano. O rebentar das cidades sobre campos cobertos de massas uniformes de resíduos é um modo imediato, presídio pelos imperativos do consumo não é outra coisa se não o arquétipo da dissolução geral que conduziu a cidade a consumir-se a si própria. (Debord, 2003, p.112)

Desse modo, em meio a essas ideias os situacionistas discutiam, escreviam e praticavam os conceitos para o desenvolvimento de um “novo urbanismo”. Entre vários textos destacam-se como referência: Introdução a uma Crítica da Geografia Urbana (Guy Debord, 1955), Teoria da Deriva (Guy Debord, 1958), Perspectivas para o consciente Mudanças para a vida cotidiana (Guy Debord, 1961), Guia do Usuário A détournement (Guy Debord e Wolman J., 1956) Formulário para um novo urbanismo (Ivan Chatcheglov, 1953), e Outra cidade para outra vida (Constante, 1959).

Todos esses artigos abordam novas práticas para a construção de um novo urbanismo. Salientam a necessidade de modificar atitudes da vida cotidiana de todos os moradores para mudar o espaço da cidade. Novas propostas são feitas para essa construção, a construção de outro ambiente para viver. Essas propostas eram relacionadas à ação do espaço, reestruturação da arquitetura, liberdade dos moradores, nova concepção para o espaço, práticas para viver a cidade em sua intensidade, além da utilização importante e inevitável da tecnologia.

Para a Internacional Situacionista, a arquitetura é o meio de alterar os atuais conceitos de tempo e espaço através do conhecimento e da ação. Para isso, alteram-se hábitos dos cidadãos, formando-se outra civilização. A consciência do espaço é o primeiro passo para série de mudanças propostas. O grupo acreditava na arte ligada à vida, a qual vai além dos padrões modernos, ligada às questões práticas do cotidiano como a cidade e o meio urbano. O grupo trabalhava, também, com a ideia da cidade construída para e pelo coletivo, abandonando a ideia de cidade ideal imposta aos seus

moradores. Para essa construção coletiva, fazia-se necessário uma revolução na vida cotidiana coletiva, pois compreendiam que a mudança na cidade deveria ser realizada no dia-a-dia de cada habitante, desde as atividades mais simples do cotidiano.

Na mesma época, Le Corbusier escrevera “Arquitetura e revolução”, acreditando que a padronização da cidade evitaria a revolução. Os Situacionistas, em sua oposição, acreditavam que a arquitetura era capaz de revolucionar a sociedade. A arquitetura e o espaço urbano contra a alienação e passividade da sociedade produziram a revolução.

A crítica situacionista tem base na observação e experiência da cidade, a experiência para apreensão de espaço, uma experimentação para apropriação do espaço urbano num pensamento singular e inovador. Um apelo contra a especulação econômica à cidade introduz a busca de um novo modelo de vida.

Através da deriva e da psicogeografia, conceitos trabalhados pelos situacionistas, acreditava-se no processo do acaso e imprevisibilidade das ruas durante o percurso na cidade.

A psicogeografia é a atividade teorizada pelo grupo, manifesta a ação direta da geografia sobre a emoção e o comportamento do indivíduo. Consiste em dividir a cidade em zonas de distintas de atmosferas psíquicas através de passeios descomprometidos no espaço urbano. Nesse contexto, a produção de mapas expressava os percursos realizados a partir da influência do ambiente, ou seja, sensações podiam ser descritas através de seus mapas, os quais iam além da representação racional do espaço.

A prática do deambular é denominada “deriva”, em virtude do comportamento lúdico, construtivo e consciente dos efeitos da psicogeografia. Diferentes do passeio ou viagem, os percursos são definidos por contornos psicológicos com correntes constantes onde multidões limitam a chegada. No texto “Teoria da Deriva” (1958), Debord estabelece algumas condições para caracterizar a deriva e formatar a técnica. A deriva é auxiliada pela ecologia porque “fornece informação a psicogeografia”. Os moradores também reproduzem o lugar, a imagem dos hábitos também faz a imagem do lugar, criando laços de efeito. A deriva é definida pelo autor

A *deriva* (Com seu fluxo de atos, seus gestos, seus passeios, seus encontros), foi *para a totalidade* exatamente o que a psicanálise (no melhor sentido) é a linguagem. Deixe-se ir com o fluxo das palavras, diz o psicanalista. Ele ouve, até o momento em que ele rejeita ou modifica (pode-se dizer *detourns*) Uma palavra, uma expressão ou uma definição. A 'deriva' é certamente uma técnica, quase uma terapêutica. Mas, assim como a análise não acompanhada com qualquer outra coisa é quase sempre *contra-indicada*, modo derivar contínua é perigoso na medida em que o indivíduo, tendo ido longe demais (não sem bases, mas.) sem defesas, está ameaçado de explosão, dissolução, dissociação, desintegração. E dali a recidiva em que é chamado de 'vida normal', isto é, na realidade, em 'vida petrificada'. "A este respeito, agora o meu repúdio Formulário "A propaganda é uma '*deriva*' *contínua*. Poderia ser contínua como o jogo de pôquer em Las Vegas, mas apenas durante um determinado período, limitado a um fim de semana para algumas pessoas, a uma semana como uma boa média, um mês é realmente forçar a barra. Em 1953-1954 nós derivados para três ou quatro meses seguidos. Esse é o limite extremo. É um milagre que não nos mata "(Ivan Chitchevlov, trecho de uma carta de 1963 a Michelelementos Bernstein e Guy Debord, reimpresso em *Internationale Situationniste* 9, p. 38).

Uma característica da deriva é o acaso. Uma oposição à criação de hábitos, por isso a importância da descoberta, do novo produzindo a sintonia com o lúdico e psicológico. O universo é indispensável para as derivas, pois ela se opõe as referências como a memória geográfica. Permite construir diversas possibilidades devido a essas características. O autor alerta que pode realizar derivas em grupo, que pode variar em número de pessoas ou formar outros grupos e realizar trajetos distintos simultâneos. O tempo das derivas em média é de um dia e pode ter dois períodos de sono, além de sofrer influência do clima como frio, chuva ou sol forte, impõe limites e determina os períodos da deriva.

O "Campo espacial" pode ser determinado pelo estudo do terreno e a psicogeografia. Seu ponto de partida é a residência, sua área máxima é o conjunto de uma cidade grande e sua área mínima como um bairro .

Existe também a deriva estática, que pode ser realizada na estação do trem, por exemplo. A investigação do urbanismo psicológico pela exploração do campo espacial propõe as direções do percurso, produzindo a desorientação pessoal importante para a prática

Relaciono a deriva como um grande jogo- o passatempo - porque estimula a imaginação e o prazer de vivenciar o ambiente, uma ficção sobre a cidade.

A deriva é, portanto, o processo de deambulação na cidade, a liberdade de viver o acaso no espaço, junto à experiência psicogeográfica, onde o ambiente ajuda a determinar as experiências no espaço urbano.

Experiência semelhante a essas práticas foram vivenciadas em Pelotas, devido a sua estética o que resultando na serie de trabalhos De Olhos Cerrados.

### **Satolep: o lugar das Deambulações Situacionistas**

A cidade que percorro chama-se Pelotas, como já mencionado anteriormente, ela está localizada na América do Sul, no sul do Brasil e do Rio Grande do Sul, por isso região mais fria do país, de clima temperado, diferente do restante do país, que vive sob o clima tropical. Planície e arroios resumem sua paisagem, plana, concisa e repetitiva, imagens próprias do lugar tão específico. No trecho do livro Satolep, Ramil deixa evidente a percepção do olhar do personagem sob a paisagem da cidade, assim como acontece na realidade.

Precisaria de uma quietude como a planície vicejante que eu via pela janela, onde a luz ia longe e o trem viajava sem impedimento. À medida que nos aproximávamos da cidade, os campos faziam-se águas que se faziam céu, formando uma suavidade interiça que nos envolvia e polia a composição. (Ramil, p.20, 2008)

Através do anagrama de Pelotas, Satolep, Vitor Ramil <sup>1</sup>(Pelotas, 1962) observa e reflete a cidade imaginada por ele e por muitos outros moradores de Satolep. É uma cidade com boemia, suas ruas são também a imensidão da imaginação, onde surgem personagens e comportamentos que compõe a cultura da cidade. A minha escolha por percorrer essa cidade deve-se ao estado de pura deriva nesse ambiente plano.

---

<sup>1</sup> Compositor, cantor e escritor, o gaúcho Vitor Ramil começou sua carreira artística ainda adolescente, no começo dos anos 80. Depois de extensa produção, em 2003 apresentou-se em Genebra, no Teatro St. Gervais, Vitor deu uma conferência, tendo como tema “A estética do frio”, resultando num livro. Mais tarde, o músico e escritor, fez canções e textos descrevendo o cenário de uma cidade fictícia, mas com características reais, Satolep. De forma poética descreve o “clima” da cidade, apropriando-se do tema para uma leitura sensível do lugar. A utilização de antigas fotografias de Pelotas faz com que o romance se torne extremamente imagético, seu texto é contido, como pede, a sua busca pela estética do frio.

As propriedades físicas e geográficas são marcantes. Os elementos e o clima compõem uma paisagem plana, melancólica e bem definida. Ramil no livro *A Estética do Frio* (2004), compara a paisagem de Satolep com a milonga-canção lenta e repetitiva composta de melancolia, densidade e reflexão cuja característica principal é violão e voz.

A milonga, para ele, enquanto imagem é comparada à paisagem intensa e extensa de Pelotas, reforçada pelo monocronismo e pela horizontalidade do que é visto. Simples e monótona, aguçando os sentidos e estimulando intimismo dos seus cidadãos. A estética do frio é o conceito referente à criação a partir da estética do lugar. Imagem e música com propriedades definidas pelas palavras: rigor, profundidade, clareza, concisão, pureza e melancolia.

Nos seus dois livros, *A Estética do frio* (2004) e *Satolep* (2009), Ramil cita a frase do escritor cubano Alejo Carpentier “O frio geometriza as coisas”, uma frase tão concisa, mas que expressa forma e o sentimento da cidade. A relação do clima com o estado das coisas, o quanto afetamos e somos afetados por essa atmosfera, onde o ambiente físico é marcante e permite a experiência do sentimento melancólico.

Com esse argumento, sua idéia vem a colaborar com a leitura perceptiva desse lugar. Sua poética transforma essa leitura em poesia musical, onde o som transcreve o sentimento, envolvendo a percepção física do lugar, o clima, a orientação espacial, a forma e o sentido.

Sua música e literatura encenam a presença do lugar e sua influência sobre a ação e produção das pessoas que ali moram. No livro de ficção *Satolep* (2009), o autor baseia-se em fotos antigas, descrevendo os lugares e partilhando da história da cidade de Pelotas. Cenário, fatos históricos e personagens reais misturam-se à história de ficção de Ramil. A descrição poética desse ambiente é o que define a obra, por isso o destaque para as suas citações.

Seus livros relacionam esse ambiente diferenciado de Satolep, expressando o conceito de estética do frio, o qual é capaz de poetizar o lugar, salientando as características que revelam a cidade.

Nesse contexto, a minha leitura sobre a cidade passa por ideias como as de Ramil, quando o autor argumenta sobre a visão em forma de canção e a imagem em forma de som. As mais significativas para mim são a melancolia,

repetição, monotonia, rigor e concisão. A imagem que me prende, ao percorrer o centro e a zona do porto de Pelotas, está resumida no sentimento de que as imagens se repetem seja nas fachadas alinhadas e paralelas às ruas ou no ritmo ditado pelas quadras. Durante as derivas pela cidade, nota-se existir uma mistura entre o imaginário e o real, favorecidos por essa repetição contínua.

Imaginação e realidade se confundem dentro dessa imagem monótona e repetitiva, padronizada pelo desenho desta região da cidade, com um ritmo ditado pelas ruas planas, quadriculadas, poucos prédios altos e uma arquitetura que obedece a características próprias: terrenos estreitos, uma ou duas janelas e uma porta.

(...) amiga dos silêncios e dos vazios, profunda, clara concisa; apropriada tanto aos vãos épicos como aos líricos, tanto a tensão como a suavidade. Que outra, se não essa música de nuances, intensa e extensa, poderia conciliar em uma só expressão a vastidão monocromática de campo e céu e o detalhismo sofisticado da arquitetura de Satolep? (Ramil,p.84, 2008)

Satolep, assim como qualquer outra cidade, é provida de características específicas. Ao percorrer a cidade, sinto a sua atmosfera, a qual deflagra elementos estéticos urbanos, que qualificam o sentido deste lugar. A influência da arquitetura e a presença impositiva de uma paisagem plana aterrorizam o olhar. As ruas parecem que levam ao infinito, o olhar não é interrompido a não ser pela cerração no inverno, devido à grande porcentagem de umidade no ar. O olhar segue num conformismo, ou numa comodidade. A realidade é como ela se apresenta, sem expectativas, a não ser ao dobrar a esquina. No livro *Satolep* (2008), Ramil descreve poeticamente a paisagem de Pelotas, a sua estética a partir de elementos e a intensa vastidão do olhar sobre o que é olhado.

A planície é uma das características mais marcantes dessa cidade, juntamente com a quantidade de água que a cerca. São num total de sete arroios, além do Canal São Gonçalo e da Lagoa dos Patos. Fazendo da cidade uma região fria e úmida, com fortes incidências de chuva durante o inverno. No trecho do livro *Satolep*, Vitor Ramil (2008) descreve a percepção do personagem residente de Satolep

Homens enérgicos, concisos, vítreos; mulheres plásticas, nítidas, verticais. O frio os delineava. Seu traçado sobre os ladrilhos ia

ficando impresso minha quietude sobre os trilhos do trem na suavidade interiça de água e céu que eu atravessava ao chegar. (...) 'Esta cidade foi construída numa zona de alagados. Quando chove muito a rua vira rios simétricos. Cada fachada, poste ou monumento passa ser sua flora rebuscada. As chuvas são freqüentes, a umidade é a das maiores que há. (RAMIL, 2008: 27).

Transitar por essas ruas é absorver sua história e compreender sua aparição. Ruas de pedrinhas com infinitos paralelepípedos, arquiteturas ecléticas misturadas às edificações bizarras que só atendem ao apelo funcional da moradia. Muita luz, muito céu, infinitas quadras sem árvores, num ritmo ditado pela repetição, numa eterna diferença.

Essa descrição reflete a imagem que tenho de Pelotas. Em função disso, assemelho muito do que observo da estética desta cidade com a descrição poética de Pelotas dos livros de Ramil. Descrita também por ele de forma imagética e lúdica, tornando-se Satolep. A expressão traduz a cidade do imaginário coletivo, que discorre na sua imagem, que passa a ser refletida pela série de trabalho De Olhos Cerrados.

### **Trabalhos De Olhos Cerrados que destaca as Deambulações e seus princípios**

O trabalho Vitrines foi desenvolvido em 2009, consiste em quatro objetos compostos de alumínio, vidro e adesivo. Cada um tem 1,25 m de largura, e 25 cm de profundidade e representam uma mistura entre as passagens descritas por Walter Benjamin e as casas lacradas e ocas de Satolep .

“Vitrines” faz uma referência ao comércio, propagandas nas lojas e as vitrines com produtos, e estética das ruas de Satolep. Nele, imagens impressas em vinil transparente são inseridas em caixas de vidro vazias, onde o produto, neste caso, é a imagem. Casas ocas para aquários vazios, numa referência a expressão *aquários humanos* para casas, citado por Nelson Brissac Peixoto no livro *Paisagens Urbanas* (Peixoto , p. 277,2004).



Figura 3- Kelly Wendt, Vitrines, 2009

O mesmo também faz referência às quadras retas e sequenciais de Satolep, quadras, que obedecem a um ritmo e a um padrão específico da cidade. Os objetos são dispostos no espaço expositivo com essa leitura.

O fato de serem vitrines também está associado ao *flâneur* em seus percursos na cidade, entre a multidão, onde vivia o apelo das vitrines com as mercadorias, objetos de desejo. O produto, objeto de consumo, é exposto aos olhares através de um material límpido, neste caso o vidro. A transparência e o reflexo seduzem e cativa os olhares. As vitrines tornam-se o apelo das casas. Transitar entre elas é perceber a experiência da forma da cidade. O adesivo utilizado também faz uma alusão à linguagem publicitária e à estética das ruas, inserido nos vidros das vitrines juntamente com os produtos oferecidos pelo comércio.

Walter Benjamin, no livro *Passagens*, descreve as transformações estéticas urbanas de Paris no século 19 devido à invasão do comércio na cidade. A própria ideia de fantasmagoria descrita por ele consiste na associação do vidro com as mercadorias, exprimindo a potência das imagens para o consumo, a sedução dos transeuntes em meio às vitrines nas passagens de Paris. As imagens de desejo das vitrines, somadas ao reflexo do

material vidro, trazem aos olhos do teórico o fascínio aos produtos de consumo, o verdadeiro *fetich*e da mercadoria concebido por Karl Marx.

A experiência do corpo em relação à cidade pode ser visto no trabalho “Vitrines”, ao percorrer as suas estruturas é permitido compreender a planície de Satolep, justificando seu tamanho de 1, 25 m de comprimento. Da mesma forma, esses quatro objetos estipulam uma relação horizontal com o espectador, onde transitar entre eles é vivenciar a condição plana, repetitiva e rítmica de Satolep.

A imagem das casas lacradas, somadas uma a uma, leva à ideia de continuidade na arquitetura de Pelotas. Enquanto fotografia estabelece uma relação com a realidade, mas a montagem unindo as casas formam uma outra imagem, de uma cidade imaginária. Um estado de sonho somado à ideia do apelo da imagem na contemporaneidade, transportando o espectador à imaginação ou à cidade imaginada.

O múltiplo dos objetos e das imagens das casas remete à de repetição na continuidade perturbante da plenitude. O múltiplo é uma reprodução do meu olhar estampado de forma igualitária entre os objetos. A sua permanência enquanto imagem, devido à repetição, evoca o sentido de permanência na memória. Casas ocas em aquários vazios evidenciam a relação fria entre as mercadorias, sejam produtos ou arquiteturas. Imagens de casas esquecidas em materiais assépticos na frieza do olhar dos cidadãos que caminham pela cidade absorvidos pela grande quantidade de imagens descartáveis, seja em forma de mercadoria ou propaganda.



Figura 4- Kelly Wendt, Vitrines, 2009

Nos trabalhos *De fora para dentro* (2010) (Figura 5) e *Redentor* (2010) (Figura 8) é possível verificar imagens de um prédio do porto de Satolep em que enfatiza a poética *De Olhos Cerrados*.



Figura 5 - Kelly Wendt, *De fora para dentro*, 2010

O primeiro consiste em 21 metros de imagem, resultado da união de 30 fotografias montadas. Com 1 metro de largura, seu objetivo era transportar para o Espaço de Arte Jabutipê, local em que foi instalado em agosto de 2010, o prédio *Redentor*, indústria abandonada no porto de Pelotas, na íntegra. Uma imagem que pudesse envolver o espectador ao entrar no espaço expositivo.

O trabalho expressa o sentimento de percorrer o espaço de Satolep, e permitir que o espectador fique imbuído pelo prédio. A imagem convexa do lugar dá lugar ao espaço côncavo, onde a expressão do lugar fica evidente pela grandeza de seu visual. Essa reprodução do espaço permite-me aproximar da ideia de fotografia, quanto reprodutora do olhar.

Nesse sentido, o trabalho privilegia, mais que nos outros casos, a imagem da arquitetura, pois sua presença aqui se torna mais impositiva em virtude do tamanho proposto, que ocupava todas as paredes do espaço expositivo.

O lugar ponto de partida e fonte da ideia é um prédio que ocupa uma quadra, as margens do canal São Gonçalo, o qual se encontra abandonado,

jogado ao destino, restando somente suas paredes com algumas portas e janelas cerradas. Redentor é seu nome, assim está escrito em sua fachada. “De fora pra dentro” transmite uma visão melancólica do passado - um dia próspero e hoje remoto. Além disso, o trabalho pretende elucidar aos olhos do espectador a paisagem côncava de um sobrevivente do passado próspero de Satolep. A imagem convexa da quadra do Redentor se transforma num envolvente ambiente, no qual pode ser observada a decorrência da ação humana na modificação do ambiente e do espaço urbano.

Como diz acima, a percepção do espectador passa pela compreensão da ação humana no espaço urbano. Seja pelas contínuas pichações e intervenções com tijolos, para lacrar algumas de suas janelas e portas ou pelo abandono e depredação (acúmulo de lixo e saque).



Figura 7 - Kelly Wendt, De fora para dentro, 2010

O vídeo de 5', Redentor(2010) (Figura 8) realizado conjuntamente com o trabalho “De fora para dentro” consiste em capturar as imagens do prédio Redentor (indústria abandonada à beira do Canal São Gonçalo, Porto de Pelotas).

As imagens de Redentor são capturadas em percursos circulares. Durante a imagem em movimento, algumas se aceleram e outras são reproduzidas lentamente. Essa sensação da passagem do tempo representa a

sensação da deriva, a passagem do olhar mais lento pelas coisas que interessam.



Figura 8 – Kelly Wendt, Redentor, 2010, vídeo 5'

O vídeo também representa as imagens que a memória detém ao passear em torno do prédio. Uma espécie de recordação, onde a nossa experiência vivida está aliada às imagens que tenho do presente. Pensando na imagem dialética de Benjamin onde o olhar sobre o passado é somado ao tempo de agora.

Sem som, o vídeo instala um transe na percepção do olhar, contribuindo com o silêncio do olhar e dos ouvidos ao mergulhar num lugar em que vive a lentidão dos tempos no abandono humano.

A psicogeografia e a deriva podem ser vivenciados nesse lugar incomum, improvável e característico de Satolep. Resultado do afeto e do acaso da redescoberta.

“Quando eu era criança, as marcas de umidade demoravam a passar. Satolep demora a passar. Eu temia que não passasse nunca.” (Ramil,2008). Essa citação expressa o sentimento de melancolia afetiva, onde o tempo passa lentamente, expressando o afeto ao lugar. Ideia que também pode ser vista no vídeo Redentor.

Assim as características de Pelotas auxiliam para a reflexão dos conceitos situacionistas. A experiência dessa atmosfera peculiar fomenta o processo de criação e dá origem ao trabalho poético De Olhos Cerrados, que explorando as casas desfuncionalizadas de Satolep.

## **Bibliografia**

ARGAN, Giolio. **História da Arte como História da cidade**. SP: Martins Fontes; 1998

AUGÉ, Marc. **Por uma Antropologia da mobilidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 2009 .

BORER, Alain. **Joseph Beuys**. São Paulo: Cosac e Naify edições, 2001.

DAVILA, Thierry. **Marcher, Créer**. Paris: Regard, 2002.

MAGALHÃES, M. O. **História e tradições da cidade de Pelotas**. 4ª edição. Pelotas: Armazém, 2002

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo, Cosac e Naify edições, 2008.

RAMIL, Vitor. **A Estética do Frio Conferência de Genebra**. Porto Alegre: Satolep Livros, 2004.

Jacques, Paola B. **Breve Histórico Internacional Situacionista**- Arquitectos, São Paulo, Vitruvius, abril 2003, disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/03.035/696>>.

**Antologia Internacional Situacionista**. edited and translated from the French by Ken Knabb. Originally published by the Bureau of Public Secrets in 1981 (2nd printing 1989, 3rd printing 1995). This online version follows the revised and expanded edition (December 2006) ,<http://www.cddc.vt.edu/bps/SI/index.htm> (acesso agosto de 2010)

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** . edited and translated from the French by Ken Knabb ,Originally published by the Bureau of Public Secrets in 2002. <http://www.cddc.vt.edu/bps/SI/debord/index.htm>